

(2011) ANTÓNIO BULCÃO, *ESTÓRIAS DE SHORTS*.

PORTO, EDITA-ME.

Paula Alexandra de Sousa Cotter Cabral – Escola Secundária Vitorino Nemésio. Rua Comendador Francisco José Barcelos. 9760-434 Praia da Vitória

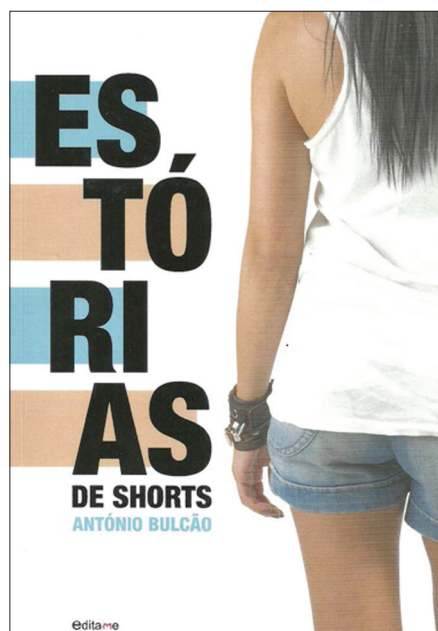
*Estórias de shorts* é a mais recente obra de António Bulcão, cronista, músico, professor e advogado, nascido na Horta, em 1959.

Logo à partida, o umbral surpreende o leitor através do trocadilho de palavras e imagens que remete para o vislumbre de um conjunto de contos reveladores e para uma arte de contar com raízes na tradição oral.

A aparente forma descontraída da imagem da capa joga com a forma pouco habitual como se apresentam e analisam aspetos e tipos da sociedade contemporânea. Podemos, por isso, salientar a dicotomia/contraste “mostrar *versus* sugerir” que enforma o conjunto de narrativas breves que compõem este livro. Os elementos paratextuais surgem, assim, como o estímulo para uma deleitosa leitura que prende a atenção até à última página.

Numa entrevista ao *Diário Insular*, de 26.06.2011, o autor afirmou que acredita existir em cada escritor visões diferentes de coisas que para os outros passarão ao lado, mas que explorar esse lado oculto, do por-

menor e do inusitado até por vezes do inesperado, se torna a força motriz da sua escrita: «todos os contos têm essa vertente do pormenor, do detalhe, que são, afinal, na minha opinião, talvez a única coisa que vale a pena nesta vida. Há quem olhe e veja a floresta, mas há que ver cada árvore». É, pois, nesta forma de ver as coisas que nos rodeiam que reside a singularidade de



uma escrita não só irónica e mordaz, mas também modelada com tons poéticos que levam o leitor a sentir e a disfrutar cada palavra.

Aplica-se a esta obra de António Bulcão as palavras de Roland Barthes, em *O Prazer do texto*, quando refere que o escritor empenhado vive de acordo com um ritual que liga a escrita ao real, sendo o processamento desse real revelado através de um querer-escrever que não só constrói o tecido textual, como também o dota de características inusitadas que surpreendem o leitor-crítico.

Durante a leitura, quebra-se um pré-determinado horizonte de expectativas mentalmente criado pelo leitor no início de cada um destes vinte e três contos. Nesta desconstrução reside a genialidade da primeira parte da obra. Convém salientar que intuitiva e semanticamente somos desde logo levados a dividir a obra em duas grandes áreas que se interseccionam constantemente ou em «dois diferentes tons, que pretendem captar com fina ironia e desalento dorido, a História da Ilha que é cada Homem», como o professor António Couto salientou na apresentação deste livro, que decorreu no passado dia 9 de junho, na Escola Secundária Vitorino, na Praia da Vitória. Na primeira parte, o encadeamento da narrativa sugere apenas pontualmente o seu desfecho e, quando o alcançamos, não podemos deixar de

reflectir sobre a forma como a ideia foi sendo «sensualmente» desvendada. Em algumas destas «estórias», podemos estar nós, seres humanos, em páginas pintadas de ironia, sarcasmo, mordacidade e reflexos de vidas comandadas pelos cúmulo da existência, pela exacerbação de fragilidades personificadas em figuras caricaturais da sociedade contemporânea e intemporal. Os protagonistas destas “estórias” dão-nos a imagem do ser humano que vive entre a caricatura exterior (as aparências necessariamente sociais) e uma profunda e enigmática solidão poética. Sem querer desvendar, apenas levantando a ponta do véu, veja-se a personagem Eugénio, de «Impaciência fatal», um *fast* ser que se antecipa a tudo; a irredutibilidade de Ester, no conto «O Telemóvel»; os vazios de vida preenchidos com nada, em «A fotocópia»; a anulação de si próprio como forma de resistência, n’«A menina», entre tantos outros exemplos.

Noutros contos, numa hipotética segunda parte, somos embalados pelo fôlego de uma linguagem poética que nos eleva a uma outra dimensão de ser. As três últimas “estórias” trazem sangue e lágrimas, mostrando debilidades e fraquezas que, afinal, apenas dignificam o ser humano. É o caso especial de «O meu filho passou agora por mim», «O caixeiro-viajante» e «Rei por um minuto suspenso».

É neste jogo de mostrar *versus* sugerir que o(s) narrador(es) oscilam. Duas linguagens, uma crítica outra expressiva – uma deixa-nos cair num chão “acolchoado” pelo inesperado que provoca obrigatoriamente o riso; a outra encaminha-nos para a transcendência dos sentidos e para «o exorcismo da realidade», como refere o autor.

Resumindo, este livro é um pretexto para uma inevitável meditação sobre a vida, a morte, o tempo e a imagem

do “eu”, numa linguagem repleta de poesia e acutilância e que não nos pode deixar indiferentes, antes nos agita e (co)move para o prazer da leitura.

Ambiciona-se aqui fazer um incitamento à leitura, pois nenhum discurso crítico é capaz de substituir o seu objeto, nem a intenção do seu criador. Naturalmente, o passo seguinte será abrirem estas páginas ao prazer das palavras. PAULA COTTER CABRAL